

Aqui damos, na integra, as perguntas e as respostas do seu depoimento, prestado a 1 de Abril de 1919 e que confirma tudo quanto temos escripto a seu respeito:

"Déposition de M. Weber Frederic, 32 ans, demurant à Paris, 2, rue du Tunnel.

D.—Est-il exact que vous avez été, dès la fin de 1916, en relation avec Deleuze?

R.—A la fin de 1915, M. Deleuze, qui dirigeait à ce moment la une Banque, rue des Pyramides, m'a pris comme secrétaire et je me suis embarqué avec lui pour le Brésil le 10 Décembre.

D.—Étes vous allé en Suisse avec Deleuze avant votre départ?

R.—Non. On a envoyé sur moi, en Suisse, des renseignements à M. Littmann, intéressé dans l'affaire à laquelle j'allais être mêlé.

D.—Lorsque vous êtes arrivé à S. Paulo, n-êtes vous pas devenu le mandataire des banquiers Behrens, de Hamburg, intéressés dans la ligne des chemins de fer Nord de S. Paulo, ligne Araraquara?

R.—Oui. Deleuze avait été en Suisse; un pouvoir de Behrens lui avait été envoyé par la Hollande. Ce n'est que plus tard que j'ai eu que c'était à mon nom. Je n'ai jamais eu le pouvoir entre mes mains, si ce n'est pendant quelques minutes au moment de la vente de la Cie. de Chemin de Fer. C'est Deleuze qui était détenteur du pouvoir.

D.—Avant votre arrivée au Brésil, les Behrens-avaient commis mandataires un nommé Winsinger. Ne l'avez vous pas remplacé?

R.—Oui. Winsinger était belge. C'est encore Deleuze qui a tout arrangé avec Winsinger, et j'ai signé plusieurs papiers, dont je ne me rappelle pas.

D.—Plusieurs proposition ont été présentées pour la reprise de la ligne. N'avez vous pas comparu devant le juge pour approuver au nome de Behrens la soumission présentée par Deleuze?

R.—Il y avait plusieurs propositions, Deleuze me les a fait présenter, d'accord avec les liquidateurs; nous avons choisi celle de la Cie. Americaine et j'ai signé avec tout le monde.

D.—N'avez vous pas, le 26 Février 1916, comparu comme mandataire des Behrens devant le juge et n'avez vous pas en cette qualité, renoncé à l'hypothèque et au mantissement en faveur des obligataires?

R.—Tous les papiers étaient préparés par Deleuze et les avocats, ils étaient rédigés en Portugais, langue que je ne connaissais pas et j'ai signé à la demande de Deleuze.

D.—Vous étiez secrétaire de Deleuze, n'avez vous pas remarqué s'il recevait, après Février 1916, des instructions des Behrens?

R.—Je n'ai jamais vu, mais j'ai entendu Deleuze parler de ce programme reçu par voie hollandaise.

D.—Qui vous a payé, pendant tout votre séjour au Brésil, vos appointements?

R.—J'ai cessé d'être secrétaire de Deleuze en 1917. Depuis le mois de Mars 1916, je m'étais rendu compte que Deleuze me faisait servir les intérêts allemands contre les intérêts français.

Je n'ai écrit que 2 ou 3 lettres aux Behrens sous la dictée de Deleuze. Je vous enverrai une que je crois posséder encore. Deleuze, pendant le temps que j'ai été avec lui, me versait comme appointements mille francs par mois. J'ai été employé avec les mêmes émoluments, ensuite, par la Northern São Paulo.

D.—Quelles étaient vos fonctions à la Northern?

R.—J'ai fait des achats de matériel et des inspections de comptabilité. J'étais à ce moment l'administrateur.

D.—La nouvelle Cie. a-t-elle publié des bilans, a-t-elle tenu des assemblées? Quelles étaient ses recettes?

R.—Je n'ai pas vu des bilans et en fait d'assemblées il n'y a eu des réunions qu'entre l'administrateur technique et moi.

C'est Deleuze qui faisait les comptes rendus. Une compagnie anglaise a établi une comptabilité que je n'ai pas connue. Je ne puis vous donner aucun renseignement au sujet des recettes. Parmi le personnel il n'y avait aucun allemand.

D.—Avez vous été au courant des correspondances et telegramme échangés entre Deleuze et Littmann?

R.—Deleuze en parlait de temps en temps, mais je n'ai rien vu personnellement. J'ai quitté la Northern brouillé avec Deleuze. Tout le monde me traitait de boche. Je ne pouvais trouver d'emploi.

Deleuze pendant 8 mois m'a donné des appointements à Montevideo pour m'éloigner et, finalement, après avoir essayé de faire de commerce à mon compte, je suis revenu à Paris en Janvier dernier.

J'ai signé, au Brésil, étant entièrement dans la main de Deleuze, sur ses ordres, pressé par le soin d'argent, beaucoup de papiers qui certainement, engageant ma responsabilité.

Je vous assure que c'est bien malgré moi que j'ai servi sur les instructions de Deleuze les intérêts allemands, car, mariée à une française, je suis entièrement et sincèrement ami de la France.

Signé:—BONIN—WEBER.

EPAMINONDAS.

O Banco Hypothecario Político Fluminense no Supremo

Da memoravel sessão ultima do Supremo Tribunal e dos debates a proposito do Banco Hypothecario, publicaram os jornaes resumos mais ou menos exactos, salientando-se pelo desenvolvimento e pela exactidão os do *Jornal do Comercio* e da *Gazeta dos Tribunaes*.

Em todos, porém, houve uma omissão que devemos supprir, como espectadores que nos sentimos no direito de proclamar o que o Tribunal mostrou empenho em tornar publico.

O advogado do Banco, referindo-se aos tres peritos do exame de livros, qualificou-os de *previdentes*.

O Procurador Geral, Ministro Pires e Albuquerque, nessa admiravel oração, que felizmente não foi tachygraphada, para ser guardada como as de Berryer entre os modelos de eloquencia forense, como as de Cicero entre os arroubos da mais alta indignação patriótica, rebateu logo a injuria.

O Ministro Muniz Barreto, porém, não achou bastantes dos mais francos e elocuentes meiro exame de livros, e o exame de livros deve ser mais...

DISCURSO PRONUNCIADO EM PADUA PELO DEPUTADO LUIZ GUARANA

Meus, Srs. Aqui me tendes novamente, com o coração a transbordar de agradecimento pela generosidade da acolhida que me dispensaes e completamente confiante no futuro da causa que todos defendemos em prol das classes activas do paiz.—Os nossos ideaes são os ideaes de quantos dedicam as suas energias creadoras ao aperfeiçoamento moral da nossa sociedade e ao engrandecimento material do edificio economico-financeiro do Brasil, dentro da ordem e dentro da lei, combatendo sem desfallecimentos a prepotencia e o maridismo do profissionalismo que infecta as nossas regiões politico-administrativas, mas sem descambar para o terreno safara de uma demagogia demolidora, onde não poderiam medrar a nossa acção e as nossas convicções profundamente servadoras.

Nós somos o trabalho e fecundo que vai burrar da terra os elementos de prosperidade e em que nascem os nossos sonhos e em que peramos o nosso futuro.

A campanha do syndicato que promove a nossa desapropriação

O syndicato que promove a nossa desapropriação e que, sob a responsabilidade de um testa de ferro, manda publicar os artigos diffamatorios assignados Epaminondas, compõe-se de: 1º — L. Behrens und Sohne, de Hamburgo, assistentes do Estado, no processo da desapropriação; 2º — O Conselheiro Antonio Prado que, numa acção rescisoria movida perante a Justiça Federal, impugna, sem exito, a validade da nossa compra da Estrada, e 3º — varios directores da Sociedade Anonyma "Office National", que em 1917, realizaram com o Conselheiro Prado o negocio do Convenio do Café e do afretamento dos navios ex-allemaes á Franca.

Nos autos do recurso 1.555, nosso ex-advogado, o Senador Adolpho Gordo, sustenta, na qualidade de advogado de Behrens, que a venda da Estrada (ordenada, a pedido daquelle senhor, pelo Juiz da fallencia da Companhia B. F. Araraquara) póde ser considerada nulla, independentemente de rescisão judicial.

E' o contrario da these que no recurso 1.248 o mesmo Sr. Gordo sustentz como advogado desta Companhia.

Todas as decisões proferidas, até hoje, sobre essa venda, a declararam valida. (Vide "Revista de Direito", vol. LIX, pag. 324, e "Revista do Supremo Tribunal", vol. XXX, pag. 245).

S. PAULO NORTHERN RAILROAD COMPANY.

A desapropriação da Araraquara no Supremo Tribunal Federal

O QUE E' A "NORTHERN" E QUEM E' PAUL DELEUZE

VII

Fritz Weber, procurador de L. Behrens & Sohne por manobras de Deleuze, começou a perceber o cipal em que se envolvera e os perigos a que estava exposto. Pretendeu então vender caro a sua pelle, fazendo a Deleuze exigencias originaes e hilariantes, na hora que elle reputou propria para a partilha do espolio da delinquencia.

E vimos então o nosso "escroc" na mais temerosa das atropalhções que se lhe depararam no evoluer dos acontecimentos expostos. Dia a dia, Fritz Weber augmentava as suas exigencias e com ellas as ameaças de vomitar nos ouvidos das autoridades publicas todas as façanhas com os menores detalhes e apresentação de documentos comprobatorios, o que certamente levaria a authentico Rocambolo ás portas da cadeia mais cedo do que lhe era dado esperar.

Deleuze precisava, em taes circumstancias, livrar-se de qualquer fôrma desse homem perigoso, que podia, com uma simples palavra, derrubar todo o ousado castello de seus crimes. E, após vivos esforços, conseguiu que Fritz Weber desaparecesse de S. Paulo, numa longa peregrinação pelo interior do Estado, até ir dar com os costados nas aguas platinas.— e isto depois de pago e satisfeito de uma quota, diminuta, é certo, mas em todo o caso em proporção ao fructo do crime e muito acima das ambições de quem fôra contratado na Europa para vir ao Brasil como simples criado.

Processado Deleuze em Paris, pelos crimes de estelionato, abuso de confiança e entendimento com o inimigo, Fritz Weber foi intimado a depor.